
A Crise dos Migrantes e Refugiados Venezuelanos na Imprensa Brasileira¹

Nilson LAGE²

Edwaldo COSTA³

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP.

Resumo

A crise humanitária pela qual a Venezuela passa gerou intenso fluxo migratório na América Latina. No Brasil, migrantes e refugiados têm provocado conflitos que muitos meios de comunicação difundem, em regra, superficial e incorretamente, do que resultam conceitos distorcidos – ou seja, desinformação. O objetivo deste artigo é apontar a influência da imprensa na concepção que a população brasileira constrói da situação dos migrantes venezuelanos no Brasil. A pesquisa bibliográfica e documental permite avaliar o quanto o noticiário distorcido leva parte da população a contextualizar de maneira tendenciosa a crise na Venezuela e os migrantes venezuelanos, a partir de uma perspectiva política dogmática. Enquanto uma parcela se compadece dos refugiados em condição crítica, outra os hostiliza, como se não fossem vítimas também.

Palavras-chave: Jornalismo; Operação Acolhida; Forças Armadas; Refugiados;

1. Introdução

A situação da população venezuelana contraria o Art. 25 da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

Toda a pessoa tem direito a um nível de vida suficiente para lhe assegurar e à sua família a saúde e o bem-estar, principalmente quanto à alimentação, ao vestuário, ao alojamento, à assistência médica e ainda quanto aos serviços sociais necessários, e tem direito à segurança no desemprego, na doença, na invalidez, na viuvez, na velhice ou noutros casos de perda de meios de subsistência por circunstâncias independentes da sua vontade (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, 1948).

A Lei nº 9.474, de 1997, reconhece como refugiado (inciso I do Art. 1º) quem, “devido à grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país” (BRASIL, 1997). A Lei 13.445, de 2017, estabelece o paradigma da defesa dos Direitos Humanos na política de

¹Trabalho apresentado no GP América Latina, Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor doutor aposentado UFSC/UFRJ, e-mail: nilsonlage@gmail.com

³ Pós-Doutorando da ECA/USP, e-mail: edwaldocosta1@gmail.com

migração no Brasil fazendo referência à constitucionalidade da dignidade humana; garante ao imigrante a inviolabilidade de sua vida, e o direito à igualdade e segurança, “especialmente em casos de hipossuficiência econômica e de grupos vulneráveis”; repudia a xenofobia e o racismo e busca a acolhida humanitária (BRASIL, 2017).

A Venezuela é o quarto país na lista das nacionalidades que mais têm pedido refúgio no Brasil, segundo levantamento da ONU, divulgado em 2018. No mesmo ano, a prefeita de Boa Vista-RR denunciou o risco de perda de controle de gestão da cidade, caso não houvesse distribuição desses migrantes por outras cidades brasileiras (BBC, 2018).

A crise na Venezuela está diretamente ligada com a desvalorização do petróleo no mercado internacional, o que aconteceu a partir de 2014. As reservas de petróleo foram descobertas na Venezuela no começo do século XX e, desde então, tornaram-se a principal fonte de riqueza do país sul-americano. Trata-se do país com a maior reserva de petróleo do mundo, o que é significativo para os interesses econômicos globais.

O neoliberalismo, que se desdobra de questões econômicas para ditar diretrizes políticas, defende o livre comércio (como todo globalismo), mas acrescenta austeridade fiscal, ainda que à custa do agravamento das desigualdades sociais, acentuadas na América Latina.

O que se mostra relevante para o presente trabalho é a forma como os fatos aconteceram, como acontecem e como são noticiadas em prol da indução de determinada perspectiva acerca de um acontecimento social extremo. Deve-se considerar: (a) a explosão migratória recente; (b) como têm sido dirigidas, no Brasil, as ações em favor dos refugiados; (c) o posicionamento da imprensa, isto é, o que a mídia seleciona para informar e como opina a respeito; (d) quanto à maneira como os acontecimentos são mostrados nos veículos de comunicação influencia a percepção da população brasileira sobre o tema.

O trabalho justifica-se por ser relevante quanto aos direitos humanos e também, no escopo da Comunicação, ao revelar, no caso específico, certo “adestramento” pela imprensa da mentalidade da população, o que suscita discussão também nas áreas de História, Sociologia, América Latina e Estudos Culturais.

Tomou-se como objetivo geral apontar a influência exercida pela imprensa na concepção que a população brasileira constrói da situação dos migrantes e refugiados venezuelanos no Brasil, considerando-se as ações adotadas pelo Estado brasileiro.

Partiu-se dos seguintes objetivos específicos:

- i. Analisar a trajetória venezuelana para a atual crise humanitária;
- ii. Levantar considerações acerca dos processos migratórios e de situações de refúgio;
- iii. Abordar a situação dos venezuelanos no Brasil, especialmente analisando fatores sociais dos municípios de Boa Vista e Pacaraima, maiores responsáveis pela recepção dos refugiados, as ações do Estado brasileiro e a apresentação dada por jornalistas ao tema;
- iv. Tecer considerações sobre os condicionamentos da imprensa brasileira na abordagem do assunto.

A ênfase na mídia comercial – predominante na distribuição de informações a partir de núcleos geradores de discursos – justifica-se pelo papel quase absoluto dessas organizações na difusão de eventos que se passam em um estado distante dos principais centros de decisão brasileiros. O tema se insere no conjunto das tensões que envolvem o relacionamento do Brasil com o país vizinho e, de maneira ampla, a política continental.

Adotou-se metodologia qualitativa, baseada na pesquisa bibliográfica e documental, analisando-se tanto fontes históricas e conceituais, quanto os dados apresentados por entidades governamentais, particularmente os da Operação Acolhida; foram também selecionadas notícias sobre os fatos. Não se pretende, contudo, esgotar o assunto, haja vista a impossibilidade de formulação finalizada sobre questões que se desenvolvem ainda, diariamente, com possibilidades constantes de mudanças de rumos.

2. A trajetória venezuelana para a crise

No final do século XIX, a Venezuela mantinha economia semelhante à brasileira: latifundiária e monopolista, sujeita às intempéries do mercado internacional, fundamentada na exportação de produtos agrícolas, com forte tendência à monocultura do café, sempre muito afetada pelas crises mundiais. Aqui e ali, o capital estrangeiro promovia algum avanço, pautado na exploração da mão-de-obra com custo baixo.

No começo do século XX, o país passou a explorar e exportar petróleo. Já em 1902, em meio a uma guerra civil, ocasionada por disputas políticas, Inglaterra e Alemanha apreenderam os navios venezuelanos, requerendo o pagamento da dívida

externa e indenização pelos danos sofridos pelos estrangeiros residentes ou transitórios em solo venezuelano.

Ao fim do episódio, como não poderia deixar de ser, a Venezuela reconheceu a dívida, e os Estados Unidos, que atuaram como mediadores, preservaram sua área de influência, colocando o imperialismo europeu em segundo plano, (DOMÍNGUEZ; FRANCESCHI, 2010).

Sucedem-se governos e constituições, ora obedientes às políticas econômicas internacionais, ora rompendo episodicamente o julgo colonialista.

Em 1930, o país quitou a dívida externa acumulada desde a guerra da Independência (1811-1813). Anos depois, era intensa a disputa pelo controle do petróleo venezuelano entre norte-americanos e companhias inglesas. Os investidores moviam campanhas contra o governo, lutando por isenções fiscais (DOMÍNGUEZ; FRANCESCHI, 2010).

A proposta de revolução democrática (eleições pelo voto, assembleia constituinte e nova forma de gestão com prioridades sociais) colocou Hugo Chávez Frias à frente de um ideal que moveu a população e demoliu o antigo sistema. Enfrentando complôs e ampla campanha política de desmoralização, Chaves teve mais de 56% dos votos nas eleições de 1998.

Tão logo Chávez tomou posse, convocou referendo nacional acerca da Assembleia Constituinte. Diante da grave situação econômica, social e administrativa, solicitou autorização do Congresso Nacional – a Lei Habilitante – para promulgar decretos-leis envolvendo reformulação de impostos, seguro social, ministérios e manejo da dívida pública. A contínua baixa dos preços internacionais do petróleo manteve os ingressos fiscais reduzidos: impôs-se um acordo com o Fundo Monetário Internacional, em torno da dívida deixada pelo Pacto de Ponto Fixo (DOMÍNGUEZ; FRANCESCHI, 2010).

A morte de Chávez em 2013 não deixou sucessor de liderança carismática comparável. A eleição de Nicolás Maduro acirrou novamente as disputas políticas internas que o governo Chávez contivera, principalmente após o fracasso do golpe de Estado de 2002: o presidente venceu, então, democraticamente, seus oponentes eleitorais com grande diferença de votos.

2.1 E quando a crise chega a esse ponto?

O Brasil é um país imigrantista, termo usado por Figueredo e Zanelatto (2017). Especialmente após a proibição do tráfico de escravos e, depois, em 1888, a abolição da escravatura, imigrantes de diversas partes do mundo -- Itália, Alemanha, Japão, Espanha, entre outros -- vieram em busca de trabalho e oportunidades de renda, fugiam das crises agrícolas, da opressão fiscal, do desemprego, da deficiência dos sistemas econômicos etc. O ingresso deles era incentivado; tratava-se de desenvolver a economia brasileira e povoar o território.

Após a Segunda Guerra Mundial, na década de 1950, o Brasil acolheu nova leva de imigrantes, especialmente europeus e japoneses, que buscavam se afastar da destruição e das dificuldades de reconstrução do que ficara em escombros.

Nas décadas de 80 e 90 do século passado, o processo migratório se inverteu, com brasileiros fugindo da crise econômica e social que assolou o país. Conforme Figueredo e Zanelatto (2017, p. 81), esgotara-se na década de 1980 “o projeto de desenvolvimento da matriz industrial”, simultaneamente à “crise da dívida externa, o redirecionamento de capitais, a falência financeira do Estado brasileiro, agravando-se frente à inexistência de um novo projeto nacional”.

Após a ascensão de Fernando Henrique Cardoso, com a estabilização relativa da moeda, o país começou a apresentar taxa de crescimento positiva, interrompida nos anos de 1998 e 1999, em que o crescimento esteve em 0 e 0,3%, respectivamente. As políticas sociais e econômicas adotadas pelo governo seguinte, de Luiz Inácio Lula da Silva, garantiram certa estabilidade e ampliação dos programas sociais.

Previsto nas legislações internacionais e nacionais, o refúgio é admitido em caso de deslocamento forçado causado por perseguição devido à raça, religião, nacionalidade ou opção política. Luiz Fernando Godinho, porta-voz das Nações Unidas para Refugiados no Brasil, diz que a grande diferença entre imigrante e refugiado é que o segundo não escolhe seu destino. “O refúgio não é algo planejado. O imigrante tem sempre a opção de voltar para casa; já o refugiado não tem a opção de voltar para seu país. Mais do que melhores condições, ele busca salvar a própria vida”, afirma Godinho.

"Juro assumir formalmente os poderes do Executivo nacional como presidente encarregado da Venezuela, para conseguir a cessação da usurpação, um governo de

transição e eleições livres." Com essas palavras, o autoproclamado presidente interino Juan Guaidó arrebatou o cenário político em 23 de janeiro de 2019. Um juramento que, em questão de horas, colocou seu nome na agenda de governos pelo mundo, tendo ele recebido o apoio imediato de uma dezena de países. Assim, muitos previram a queda iminente de Nicolás Maduro.

Mais de seis meses se passaram e o chavismo ainda está no poder. Nesse tempo, ocorreram 10.477 protestos (segundo o Observatório Venezuelano de Conflito Social), 2.118 detenções arbitrárias (Foro Penal), 1.569 execuções extrajudiciais (ONU) e uma crise econômica que piora a cada dia (130.060% de inflação em 2018, segundo dados oficiais).

Os militares continuam a apoiar o chavismo, segundo a oposição, cerca de 1.500 soldados desertaram – uma cifra pouco significativa tratando-se de um Exército que, segundo o Ministério da Defesa, possui 235 mil membros.

Embora o governo venezuelano de Maduro seja legítimo e democrático por alguns, o bloqueio econômico e a tensão política concorrem para a degradação das condições de vida da população, a ponto de gerar a fuga em massa para países vizinhos – como o Brasil.

3. Venezuelanos no Brasil e países vizinhos – O Estado e a imprensa

Apesar de ser o maior país da América Latina, diferente do que mostram muitos veículos de comunicação, o Brasil está longe de ser um dos principais destinos da diáspora venezuelana, segundo dados da agência da ONU para Refugiados (ACNUR) e da Organização Internacional para as Migrações (OIM), divulgados em novembro de 2018.

Entraram na Colômbia mais de um milhão, no Peru: 500 mil, no Equador mais de 220 mil, na Argentina mais de 100 mil, no Chile mais de 100 mil, no Panamá mais de 100 mil e no Brasil também mais de 100 mil venezuelanos.

Segundo Vilaradaga (2018), da Revista Isto É, em agosto de 2018, 128 mil venezuelanos haviam entrado no Brasil, e 70 mil permaneciam em Roraima, considerando-se um fluxo de 500 pessoas atravessando a fronteira diariamente.

Durante o período em que a fronteira esteve aberta em 2019, do início de janeiro até 21 de fevereiro, a média diária de chegadas ao território brasileiro foi de 521 pessoas. As saídas diárias foram estimadas em 127. Já no período em que a fronteira esteve fechada, de 22 de fevereiro até 9 de maio, por rotas clandestinas a média diária

de entradas foi de 372 pessoas, ao passo que as saídas ficaram em 56. Na sexta-feira, 10 de maio de 2019, quando a fronteira foi reaberta - só a do lado venezuelano que esteve fechada -, militares da Operação Acolhida registraram a entrada de 893 venezuelanos.

No Brasil, a capital Boa Vista é a cidade que mais recebe os refugiados venezuelanos atualmente. Enviada especial do Jornal Estado de São Paulo, Cambricoli (2018) atesta que o quadro dramático vivido pelos venezuelanos acaba por dividir a opinião da população: uma parte apoia a prefeita Suely Campos e clama pelo fechamento da fronteira, declarado incogitável pelo então presidente Temer e pelo o ministro Sergio Etchegoyen, do GSI, e outra “alerta que os estrangeiros também estão sendo vítimas da falta de estrutura já existente nos serviços públicos municipais, estaduais e federais”.

Os desentendimentos entre o governo estadual e o governo federal, somado a notícias e reportagens sem apuração a respeito da crise humanitária dos migrantes e refugiados venezuelanos remontam opiniões xenofóbicas.

Figura 1 – Manchetes imprensa nacional e regional

Venezuelanos sobrecarregam serviços públicos em RR, que vive crise fiscal

Hospitais lotados e aumento da prostituição e da violência são queixas dos moradores de Boa Vista



Roraima 24H
28 de fevereiro de 2018

Veja como são as coisas. Fazendeiro da região de FÉLIX PINTO - Município do Cantá, contratou 3 venezuelanos que vivem na "bóia do trevo" pra trabalharem em uma fazenda, cerca de um mês. No dia de hoje, por volta das 03h00min, o gerente da fazenda foi chama-los pra iniciar os trabalhos, contudo os **venecas** não gostaram de acordar cedo, e fizeram foi agredir com socos, chutes, chegando até enforcar o Responsável pela Fazenda. Os Stives Nill deslocaram até local e localizaram os 3 infratores, que estão sendo apresentados agora nesse momento na Delegacia de Polícia do Cantá.

Orientações. Tá cada vez mais difícil tentar ajudar esses venezuelanos. Tenham muito cuidado com quem você coloca em sua casa



Fonte: Folha de São Paulo e Roraima 24H (2018)

As informações publicadas acima pela imprensa nacional e regional colocam toda a responsabilidade de sobrecarregamento do serviço público e violência nos venezuelanos. O Roraima 24H tem 94.886 seguidores, considerável, pois Boa Vista tem cerca de 370 mil habitantes. A página ainda usa o termo “venecas” e faz orientações.

Notícias como essas podem ter motivado moradores de Pacaraima expulsar adultos, crianças e idosos venezuelanos, depois que um comerciante brasileiro foi agredido supostamente por um migrante durante um assalto.

Figura 2 – Imprensa relata agressão



Fonte: Revista Veja (2018)

A figura abaixo é outro exemplo, de reportagem veiculada que menciona entrada de mil venezuelanos por dia, contrariando a estatística da Polícia Federal, também não exibe gráfico mensal ou anual do aumento da violência e muito menos provas que o sistema de saúde de Roraima era perfeito antes dos migrantes. A cobertura jornalística não deve ser pautada apenas em discursos.

Figura 1 – Notícias culpam migrantes por aumento de doenças e violências



Fonte: <https://bandnewstv.band.uol.com.br/videos/16389606/entrada-de-refugiados-da-venezuela-no-brasil-agrava-problemas-em-hospitais>

Para o professor João Carlos Jarochinski, coordenador do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Roraima (UFRR) e especialista em imigração, as oligarquias políticas locais usam o preconceito para se livrar de críticas a respeito da precariedade dos serviços de saúde e segurança no estado, inflando a população, que já vive em cidades pobres e precárias, contra os refugiados. “O imigrante não é eleitor, então não há o menor compromisso em lidar com essas pessoas com políticas públicas consistentes” (JAROCHINSKI, 2018).

Contrapondo notícias que incentivam a xenofobia, praticamente nada foi publicado sobre os gastos das verbas públicas destinadas a Roraima e Instituições que realizam ações no estado.

Em 30 de abril de 2019, por meio da Medida Provisória n. 880, o presidente Jair Bolsonaro autorizou abertura de crédito extraordinário de R\$ 223,8 milhões em favor do Ministério da Defesa para a Operação Acolhida. Entre 2015 e 2017, o Governo Federal já havia ampliado o repasse de recursos regulares em saúde ao estado de Roraima, que passou de R\$ 75,5 milhões para R\$ 123,3 milhões, aumento de 62,3%. Em 14 de maio de 2018, foi anunciado pelo ministro da Saúde, Gilberto Occhi, mais R\$ 187 milhões.

Ainda sobre a cobertura jornalística, em 21 de fevereiro de 2019, Maduro proclamou fechada a fronteira, evitando que a ‘ajuda humanitária’ entrasse no país via Roraima. Segundo o G1 (2019c), essa “medida veio em meio a pressão para que ele permitisse a entrada de ajuda humanitária”. A frustrada operação de envio de alimentos e medicação por Pacaraima contava com o auxílio dos Estados Unidos.

Entretanto, no dia 24 de fevereiro, o Ministério da Defesa do Brasil notificou a imprensa de que a fronteira do lado brasileiro permaneceria aberta, mas evitaria conflitos com a Guarda Nacional Bolivariana. Embora a nota da SECOM/PR (2019) à imprensa tenha afirmado que a ajuda comunitária entrou na Venezuela, isso não ocorreu efetivamente, Já o Ministério da Defesa considerou a missão um sucesso mesmo assim, porque alimentos foram distribuídos, ainda que em território brasileiro.

A influência dos meios de comunicação é tão ampla e tem seguido parâmetros tão difusos de consolidação que, após a divulgação, por parte de Guaidó, na rede social Twitter, de que a ajuda humanitária havia entrado na Venezuela pela fronteira com o

Brasil, o site de notícias Poder360 difundiu em manchete que um caminhão brasileiro chegara à Venezuela com tal ajuda.

Neste período da Ajuda Humanitária, muitos veículos de comunicação não souberam diferenciar a Operação Acolhida, da Ajuda Humanitária. Ajuda humanitária foi uma ação na quais caminhões com suprimentos enviados por Estados Unidos, Brasil e Colômbia tentaram cruzar a fronteira. A Operação Acolhida existe há mais de um ano e tem como objetivo recepcionar e apoiar os refugiados, por meio de medidas assistenciais. Estão envolvidos na Operação Acolhida Ministérios, Forças Armadas, Agências da ONU e dezenas de instituições governamentais e não-governamentais.

3.1 A Comunicação da Operação Acolhida

As demandas mais destacadas pelos veículos de comunicação, porém, giram em torno da interiorização dos imigrantes, da abertura e gestão de novos abrigos, ignorando-se outros fatores fundamentais para o acolhimento eficiente dos venezuelanos e a transparência com os gastos das verbas públicas.

As Forças Armadas, na Operação Acolhida recebe a nomenclatura "Força-Tarefa Logística Humanitária para o estado de Roraima", um de seus Departamentos é responsável pela Comunicação, que funciona como porta-voz e busca mostrar o importante trabalho dos militares da Marinha, Exército e Aeronáutica na missão.

O Destacamento da Comunicação Social - Célula D7 é composto:

| Função | Posto/Grad | Efetivo |
|--|---|---------|
| Chefe de Célula Coordenador Planejador | Oficial Superior | 1 |
| Adjunto de Relacionamento com a Mídia (Substituto Ch) | Cap/Ten (pref Curso Comunicador Social) | 1 |
| Adjunto de Administração de Pessoal | Oficial QAO | 1 |
| Adjunto de Prod e Dvg | Oficial Jornalista | 1 |
| Cinegrafista/Editor de vídeo | Praca especializado | 2 |
| Fotógrafo/Editor de imagens | Praca especializado | 2 |
| Aux Operador de Internet/Designer | Praca especializado | 2 |
| Adjunto de Relações Públicas | Oficial Comunicador Social | 1 |

Fonte: Plano ComSoc FTLogHumRR

Às demandas eram: atender jornalistas, acompanhar visitas nos abrigos, produzir reportagens, notas, organizar eventos e outras atividades. Enquanto alguns veículos de comunicação apenas replicavam as reportagens, os *releases* da assessoria de imprensa da Força-Tarefa Logística Humanitária para o estado de Roraima outros publicavam informações imprecisas e generalizadas sobre os problemas causados pelos venezuelanos.

4. A imprensa brasileira e seu contexto

A imprensa brasileira, incluída a indústria do entretenimento, não se refez do processo de concentração que experimentou nas décadas de 1960 e 1970, impulsionado tanto por motivações políticas quanto por imposições econômicas e novas possibilidades tecnológicas.

O veículo-tipo desse processo uniformizador é a Rede Globo de Televisão: fundada em 1965 com apoio técnico e financeiro do grupo norte-americano Time-Life, liberou-se formalmente desse vínculo e agigantou-se, na década de 1970. Com decisivo apoio financeiro governamental, escoimou a programação do que se julgava grotesco, adotou pioneiramente o sistema de colorido analógico PAL-M e prosperou com concepção operacional baseada no uso centralizador de redes de microondas e, logo depois, transmissão por satélite: as emissoras afiliadas operam quase todo tempo como retransmissoras de um grande centro produtor. Isso garantiu vantagem decisiva custo e economia da produção na competição com a Rede Tupi, dos Diários Associados, composta por produtoras locais com programação própria e gestão por associados do condômino que herdou o império de Assis Chateaubriand.

A troca de informações entre as diferentes regiões do país reduziu-se notavelmente, em favor da hegemonia de metrópoles - São Paulo, principalmente - e, nos últimos anos, da reelaboração cosmopolitizada de uma cultura rural com traços de arcaísmo que resultou da hegemonia do agronegócio.

Na etapa em que ocorre a migração dos venezuelanos, esse modelo está em declínio, com a ascensão de um centralismo maior, multinacional, que, na aparência, resulta em contraditória descentralização radical: enormes empresas de tecnologia (Google, Facebook) passam a reger sistemas planetários em rede. O negócio do

jornalismo encolhe-se rapidamente, com a queda da publicidade, a migração dos leitores a obsolescência no investimento em máquinas, em instalações e a perda de escala na produção.

Os principais órgãos jornalísticos sustentados em base comercial, no mundo todo, perdem identidade (junto, independência editorial), e os veículos institucionais, como os serviços públicos mantidos pelos estados nacionais (BBC, Deutsche Welle, Xinhua, RFI etc.) ganham relevo como referência.

O novo contexto acentua o isolamento dos núcleos de produção regional tradicionais. Isso, combinado com a desprofissionalização promovida pelo discurso liberal, aprofunda o fosso entre os veículos locais e regionais, confinados a pequena abrangência, e as redes, que imaginam o Brasil como extensão da periferia de São Paulo, arredores do Rio de Janeiro ou vasto campo a ser colonizado pelos "povos laboriosos" do Sul do país.

Tanto o jornalismo local se desprende e ignora a motivação do público nacional quanto os veículos nacionais desconsideram o jornalismo local, limitando-se a enviar emissários para cobertura momentânea de eventos julgados importantes.

A linha editorial das grandes redes, bem mais do que no passado, converge com fidelidade para alinhamento ditado pela dependência econômica e cultural da elite do país: a postura, com relação a governos, é simpática quando concordam ou obedecem, e crítica, contrária ou ferozmente opositora, quando divergem ou pretendem confrontar o discurso único. O ânimo dos profissionais, individualmente, é, de modo geral, cauteloso ou negativo face a estruturas que representam o poder estatal.

O contágio da linguagem jornalística pelos jargões policial jurídico e da economia financeira contribui para a distorção das informações, editadas, frequentemente, segundo critérios que priorizam as versões -- no caso, a versão única -- com relação aos fatos.

5. Considerações Finais

Questionou-se no princípio deste artigo, a maneira como o Estado brasileiro tem agido e como a imprensa vem mostrando os acontecimentos. Qual, então, a influência exercida na percepção da população brasileira sobre o tema?

Ao analisar a trajetória venezuelana para a atual crise humanitária, ficou evidente que a situação do país vizinho não corresponde exatamente ao que se mostra no noticiário. Muitas questões envolvidas estão atreladas ao percurso histórico do país, à ascensão de Chávez ao poder, e ao conflito com interesses norte-americanos, sobretudo quanto à cessão das reservas de petróleo.

A questão política da Venezuela não pode ser apreciada sem considerar que se trata das maiores jazidas petrolíferas mundiais. A crise humanitária pela qual os venezuelanos passam não se separa da economia mundial e do controle do poder global.

Quando levantamos considerações acerca dos processos migratórios e das situações de refúgio, foi possível entender que se trata de situação recorrente em todos os países, e que o Brasil, especialmente, sempre manteve perfil de acolhimento, afora ter também sua quota de emigrados na década de 1980. Não se pode dizer que o que acontece hoje na Venezuela é fenômeno atípico e que, levando-se em conta a atual situação política, a crise humanitária é inevitável.

Quando algum país confronta o poder das nações mais poderosas que ambicionam dominar a economia nacional, a tendência é que elas promovam o fechamento de portas ao comércio (no caso, também às transações internacionais) e a desestruturação interna, o que sempre afeta com maior intensidade as camadas mais carentes.

Quando abordamos a situação dos venezuelanos no Brasil, especialmente analisando fatores sociais dos municípios de Boa Vista e Pacaraima, maiores responsáveis pela recepção dos refugiados, as ações do Estado brasileiro e a apresentação dada ao tema, foi possível entender que há divergência do que se afirma com o que realmente acontece.

Percebe-se que, mesmo o Estado brasileiro adotando medidas de auxílio à população oriunda da Venezuela, como tem acontecido, especialmente com a Operação Acolhida, e divulgando notas acerca dos atendimentos que faz, as mídias mostram maior interesse em situações conflitantes. Isso pode adestrar muitos brasileiros a intolerância e a exclusão social.

É importante que também sejam divulgados pela imprensa programas de integração verdadeiramente efetivos. Os cidadãos precisam conhecer os estrangeiros.

Conclui-se que muitos jornalistas ainda precisam apurar mais as informações, para não ser usado por políticos ou mesmo estimular medo e ódio.

Referências

ABREU E LIMA, José Ignácio. O Socialismo (edição fac-similar). São Paulo. Paz e Terra.1980;

BBC NEWS. '**Se continuar assim, até o fim do ano perdemos o controle da cidade', diz prefeita de Boa Vista, cidade que mais recebe venezuelanos.** [online] 14 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45178748>> Acesso em 16 fev. 2019.

BRASIL. **LEI Nº 9.474**, DE 22 DE JULHO DE 1997. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. 1997.

_____. **LEI Nº 13.445**, DE 24 DE MAIO DE 2017. Institui a Lei de Migração. 2017.

CAMBRICOLI, Fabiana. **Com imigração venezuelana, Boa Vista vive problemas de metrópole.** [online] 22 abr. 2018a. Disponível em: <<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,com-imigracao-venezuelana-boa-vista-vive-problemas-de-metropole,70002278524>> Acesso em 16 fev. 2019.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris. 10 dez. 1948.

DOMÍNGUEZ, Freddy; FRANCESCHI, Napoleón. **Historia General de Venezuela.** Caracas: Unimet, 2010.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Operações em Roraima visam à coordenação e à segurança de venezuelanos que fogem da crise humanitária.** [online] 15. Mar. 2018. Disponível em: <http://www.eb.mil.br/operacao-acolhida/noticias/-/asset_publisher/FB2z0y6rFLpC/content/operacoes-em-roraima-visam-a-coordenacao-e-a-seguranca-de-venezuelanos-que-fogem-da-crise-humanitaria-/8032597> Acesso em 28 fev. 2019.

_____. **Operação Acolhida: interiorização de venezuelanos ultrapassa marca de 4.700 pessoas beneficiadas.** [online] 18 fev. 2019. Disponível em: <http://www.eb.mil.br/operacao-acolhida/noticias/-/asset_publisher/FB2z0y6rFLpC/content/operacao-acolhida-interiorizacao-de-venezuelanos-ultrapassa-marca-de-4-700-pessoas-beneficiadas/8357041> Acesso em 28 fev. 2019.

FIGUEREDO, Luiz Orencio; ZANELATTO, João Henrique. Trajetória de migrações no Brasil. In **Acta Scientiarum. Humam and Social Sciences**v. 39, n. 1, Maringá, p. 77-90, jan./apr., 2017.

G1 – GLOBO.COM. **Crise na Venezuela: O que se sabe sobre os caminhões com comida que Maduro não deixa entrar na Venezuela.** [online] 08 fev. 2019a. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/02/08/crise-na-venezuela-o-que-se>

sabe-sobre-os-caminhoes-com-comida-que-maduro-nao-deixa-entrar-na-venezuela.shtml> Acesso em 16 fev. 2019.

JAROCHINSKI, João Carlos. **Ao culpar venezuelanos, autoridades estimulam xenofobia**. Carta Capital. Roraima, 2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/ao-culpar-venezuelanos-autoridades-estimulam-xenofobia-diz-pesquisador/>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

JORNAL ESTADO DE MINAS. **A onda migratória de venezuelanos na América Latina**. [online] 01 set. 2018. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2018/09/01/interna_internacional,985284/a-onda-migratoria-de-venezuelanos-na-america-latina.shtml> Acesso em 16 fev. 2019.

MINISTÉRIO DA DEFESA. GABINETE DO MINISTRO. ACESSORIA DE COMUNICAÇÃO PESSOAL. **Nota à Imprensa**: fronteira do Brasil continua aberta para acolher os refugiados. Brasília, 24 fev. 2019.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Migração e Refugiados**. [online] s.d. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/focus/migrantes-e-refugiados>> Acesso em 17 fev. 2019.

_____. **Venezuela**: “Secretariado da ONU decidiu que não deve fazer parte de nenhum grupo”. [online] 4 fev. 2019. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2019/02/1658241>> Acesso em 17 fev. 2019.

PODER360. **Caminhão brasileiro de ajuda humanitária entra na Venezuela**. [online] 23 fev. 2019. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/internacional/1o-caminhao-brasileiro-de-ajuda-humanitaria-entra-na-venezuela-diz-guaido/>> Acesso em 30 mar. 2019.

PRESSE, France. Quais são efeitos da crise migratória da Venezuela na América do Sul? In **G1 – Globo**. [online] 26 ago. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/08/26/quais-sao-efeitos-da-crise-migratoria-da-venezuela-na-america-do-sul.shtml>> Acesso em 17 fev. 2019.

VILARDAGA, Vicente. A fronteira da vergonha. In **Isto É**. N. 2566. [online] 24 ago. 2018. Disponível em: <<https://istoe.com.br/a-fronteira-da-vergonha/>> Acesso em 01 mar. 2019.